



**INVESTIMENTO**  
Mercado de arte em alta. Marchands (na foto, Raul Forbes), artistas, compradores ganham. Mas é preciso cautela para investir.  
Páginas 4D e 5D



**ENTREVISTA**  
Evanisa Arone (foto), referência obrigatória em enfermagem, fala sobre sua profissão e diz que paciente deve exigir mais a  
Página 8D



# OS PRIMEIROS DONOS DAS PRAIAS

TUPINAMBÁS E TUPINIQUINS DOMINAVAM O LITORAL OS RELATOS DO ALEMÃO HANS STADEN E DO FRANCÊS JEAN DE LERY CONTAM COMO VIVIAM ESSES ÍNDIOS

José Alfredo Vidgal Pontes, especial para o JT  
Fotos: Arquivo/AE

Suponhamos um paulista em férias chegando à Baixada Santista, ansioso pelo primeiro cheiro de maresia, avistando uma placa com uma estranha orientação: em frente Porto Velho, Viveiro do Peixe Comilão e Refúgio dos Macacos; à direita Bacia de Pedra, Rio do Tubarão e a Reserva da Ponta Notável. Muito provavelmente o viajante, confuso e desalentado, daria meia-volta e retornaria a São Paulo. Tudo se esclareceria se estes nomes fossem vertidos para o tupi-guarani: em frente Piaçaguera (porto velho), Guarujá (viveiro do guaru, o peixe-comilão) e Bertioiga (refúgio dos macacos buriquis); à direita Itanhaém (bacia de pedra), Perui-be (rio do tubarão) e Reserva da Juréia (ponta notável).



Hans Staden: queria ir ao rio da Prata, mas naufragou

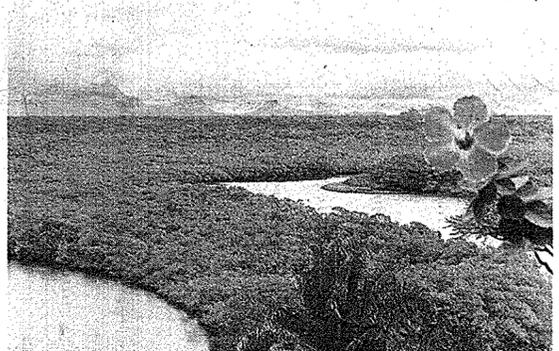


Índios comem com prisioneiros (gravura de Léo de Bry — 1557)

Surpreendentemente, nomes tão familiares são tão desconhecidos nos seus significados. O desconhecimento da cultura dos primitivos habitantes do litoral levou a um dos maiores erros de engenharia no Brasil: a localização da usina nuclear na praia de Itaorna, em Angra dos Reis. Depois de iniciada a construção da usina, o terreno começou a ceder, exigindo obras caríssimas com fundações não previstas no projeto original, que ignorou a informação básica que o nome tupi-guarani gratuitamente revelava: pedra podre (ita-orna).



Na história de Itanhaém, Staden é "o primeiro turista—1554"



Juréia, a "ponta notável", em tupi-guarani, língua esquecida

E como seriam estes observadores índios de Angra? Quem melhor nos informa sobre eles é Hans Staden, um artilheiro alemão que foi refém dos tupinambás no século 16: "É uma gente bonita de corpo e de feição, tanto os homens, como as mulheres, iguais à gente daqui (Alemanha); somente são queimados do sol, pois andam todos nus, homens e velhos, e nada têm que encubra as partes vergonhosas. Desfeiam-se a si mesmos com pinturas e não têm barbas, porque as arrancam pela raiz logo que lhes nascem. Fazem furos na boca e nas orelhas e neles introduzem pedras, que são seus ornamentos e se enfeitam com penas."



Os índios dominavam o litoral, mas esta paz era coisa rara: viviam guerreando e devorando-se

A descrição de Staden é confirmada por outro cronista dos tupinambás, Jean de Lery, um missionário calvinista francês que conviveu com eles em 1558, durante a ocupação francesa da Baía de Guanabara: "Não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e (...) apesar de chegarem muitos a 120 anos, poucos são os que na velhice têm cabelos brancos ou grisalhos."

cidade de Ilha Bela. De São Sebastião até Cananéia o litoral era dominado pelos tupiniquins, e daí para o sul pelos carijós, nome pelo qual eram conhecidos os guaranis do litoral. Para o interior, os tamoios tinham algumas aldeias no vale do Paraíba, os tupiniquins no planalto de Piratininga, onde seria fundada a cidade de São Paulo, e os carijós por toda a bacia do Prata. As três nações, inimigas entre si, eram do tronco lingüístico tupi-guarani, com diferenças pequenas de idioma como as encontradas em dialetos. E das três, apenas os carijós não comiam carne humana.

tupi-guarani. Os maracajás, considerados parentes bem próximos dos tupiniquins e seus aliados, ocupavam alguns pontos da Baía de Guanabara e da Ilha Grande, dos quais estavam sendo expulsos pelos guerreiros tupinambás. Estes, por sua vez, tinham ao norte do rio Macaé inimigos aos quais não conseguiam derrotar: os solitários e ferozes goitacazes, índios mais rudes, de língua totalmente diferente, inimigos de todos os seus vizinhos.

palmente carijós, os preferidos pela sua melhor qualificação em trabalhos agrícolas e domésticos. A relação dos portugueses com os tupiniquins eram facilitadas por João Ramalho e Antonio Rodrigues, náufragos ou criminosos degredados, que há muitas décadas viviam entre os tupiniquins no planalto de Piratininga, próximo ao local em que seria fundada a cidade de São Paulo.

próximo ao local onde se encontra atualmente São Miguel Paulista. Hans Staden, um aventureiro alemão que já tinha estado em Pernambuco, curioso por conhecer a América espanhola embarcou em Sevilha em um navio castelhano que se dirigia ao rio da Prata. Por volta de 1551 naufragou com alguns companheiros perto de Itanhaém, tomando contato com os portugueses de São Vicente, para onde se mudou e começou a trabalhar como artilheiro do forte de Bertioiga, cargo vago por falta de candidatos, devido à constante ameaça dos tamoios ao lugar. Só aceitou a função em troca de uma passagem para Portugal depois de dois anos de serviço.

**Os tamoios atacavam para fazer cauim, fundamental nas festas de comilança dos prisioneiros**

Ao descrevê-los como seres isentos de males "que nas cidades nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição", Lery dava o ponto de partida para a criação do mito do "bom selvagem" a ser desenvolvido por Jean-Jacques Rousseau dois séculos depois, apesar da grande preferência que tinham por devorar a carne de inimigos, aos quais atacavam a grandes distâncias.

Os tupinambás ocupavam salteadamente a costa brasileira, do Maranhão até a ilha de São Sebastião em São Paulo. No sudeste eram chamados de tamoios pelos portugueses. O território tamoio na época do início da colonização portuguesa, em 1530, se estendia do rio Macaé, próximo a Cabo Frio, até a ilha de São Sebastião (chamada por eles Maembe, o que significa estreito, referência ao canal), onde hoje se encontra a

Na Serra do Mar, espremidos pelos tamoios e tupiniquins, estavam os guaianás, povo de língua do tronco Jê. Com algumas aldeias em Caraguatatuba e outras em Guarulhos, estavam os maramomins, ou guarulhos, também pertencentes a grupos lingüísticos diferentes do tronco

Os tupiniquins da região de São Vicente, cidade fundada em 1530 pelo capitão português Martim Afonso de Souza, eram tradicionais aliados dos portugueses, aos quais forneciam há muito tempo escravos, princi-

João Ramalho tinha muitos filhos com Bartira, filha de Tibiriçá, cacique da aldeia de Piratininga e o principal chefe guerreiro dos tupiniquins. Antonio Rodrigues vivia com uma filha de Piquerobi, irmão de Tibiriçá e cacique dos tupiniquins da aldeia de Uraí,

# FESTA DE ANTROPÓFAGOS NA AREIA

OS TUPINAMBÁS BASEAVAM SUA VIDA NA GUERRA DE VINGANÇA E O MELHOR DELA ERA O BANQUETE COM A CARNE DOS VENCIDOS

Toda a vida social dos tupinambás era voltada para a guerra de vingança, sendo o dia da comilação o ápice da confraternização comunitária. Acreditava-se que a força do devorado passava para o carrasco, o único que não comia o prisioneiro e ganhava mais um nome, iniciando logo após a execução um período de resguardo de alguns alimentos e atividades. Nestes aspectos, os costumes dos tupinambás eram muito parecidos com os dos tupiniquins, os quais, segundo o francês Jean de Lery, são nações com pequenas diferenças entre elas "tanto na expressão como no mais". Tibiriçá, o grande guerreiro tupiniquim, era afamado por ter mais de 300 nomes. Outros tantos deveria ter Cunhambebe, o maior dos caciques tamoios e arqui-inimigo de Tibiriçá.

Após uma série de felizes coincidências das quais soube se aproveitar com grande habilidade e intuição, Hans Staden passou a ser respeitado como uma espécie de mago, cujo Deus era considerado fortíssimo e vingativo. Acreditavam que ele pudesse chamar uma tempestade ou fazer alguém adoecer, o que na verdade, realmente estava fazendo inconscientemente, ao transmitir micróbios para os quais os índios não tinham defesa de anticorpos. Além disso fez um longo trabalho de persuasão no sentido de provar que não era português e sim francês, o que valia dizer que não era inimigo e sim aliado. Em função disso conseguiu ver a sua execução cada vez mais adiada.

## Com Cunhambebe

O CHEFE TEMÍVEL

Enquanto isto acompanhava os tamoios em viagens, festas e guerras, tentando provar que não era português. Em uma destas andanças passou por Ariró, local entre Parati e Angra dos Reis onde Cunhambebe morava em uma aldeia enorme. Foi posto em uma roda na qual estava o cacique, mas não lhe disseram qual era ele entre aqueles homens que se embriagavam: "Já tinha ouvido falar muito do rei Cunhambebe, que devia ser um grande homem, um grande tirano, para comer carne humana. Fui direto a um deles que eu pensava ser ele e lhe falei tal como me vieram as palavras, na sua língua, disse: És Cunhambebe, vives tu ainda? Sim, disse ele, eu vivo ainda. Então repliquei: tenho ouvido falar muito de ti e que és um valente homem. Com isto, cheio de si, levantou-se e pos-se a passear. Trazia ele uma grande pedra verde atravessada nos lábios, como é costume deles. Fazem também rosários brancos, de uma espécie de conchas, que é o seu enfeite. Um destes tinha o rei ao pescoço, e era de mais de seis braças de comprimento. Por este enfeite vi que ele era um dos mais nobres."

Cunhambebe mandou-o de volta a Ubatuba. Tempos depois, o cacique passa por lá com mais de trezentos guerreiros em canoas para participar de uma campanha de aprisionamento de tupiniquins e portugueses nas imediações de Bertioiga, e exige a presença de Staden: "Ao partirmos para a guerra era o ano de 1554, cerca de 14 de agosto (apenas alguns meses após a fundação da cidade de São Paulo). Neste mês, como já foi referido aqui, uma espécie de peixe chamado em português tainha (...) e na língua dos selvagens paraiti, saí do mar para as águas doces a desovar. (...) Neste tempo existiam todos ir à guerra, tanto seus inimigos como eles próprios, a apanharem peixes na viagem e comerem. Na ida vão muito devagar, mas na volta com a maior pressa que podem."

"Quando chegamos à distância de um dia de viagem do lugar onde queriam executar seu plano, arrancharam-se na mata numa ilha que os portugueses chamam de São Sebastião, mas que os selvagens chamam de Maembipe. (...) Ao raiar do dia reuniram-se os chefes ao redor de uma panela de peixe frito, que comeram, contando os sonhos que lhe agradaram. Alguns dançaram em homenagem a seus ídolos e



Guaranis da Boracéia: ascendência ilustre



Tupinambás ensinam a europeu sua saudação chorosa



Padre Manoel da Nóbrega: elogios aos carijós

quiseram nesse mesmo dia ir à terra de seus inimigos chamada Boissucanga, esperando ai até que anoitecesse. (...) E era intenção minha fugir no mesmo lugar, logo que chegássemos, pois de lá até onde tinham me capturado (Bertioiga) havia somente seis léguas."

"Quando perlongávamos a terra, avistamos, por detrás de uma ilha, umas canoas que se dirigiam a nós. Gritaram então: ai vêm nossos inimigos; os tupiniquins. Quizeram ainda esconder-se com suas canoas por detrás de um rochedo, para que os outros passassem sem os ver. Mas não adiantou. Viram-nos e fugiram para a sua terra. Remamos com toda a força atrás deles, talvez uma quatro horas e os alcançamos. Eram cinco canoas cheias, todas de Bertioiga. Conheci-os a todos."

Boa parte deles eram mestiços, sendo que dois deles eram bem conhecidos de Staden. Resistiram enquanto puderam, mas os tupinambás estavam com trinta e seis canoas contra cinco dos tupiniquins e mestiços de Bertioiga. Depois de aprisionar os sobreviventes, os tamoios voltaram à ilha de São Sebastião para passarem a noite: "Levaram então os prisioneiros, cada um, para sua cabana; mas a muitos feridos desembarcaram e os mataram logo, cortaram-nos em pedaços e assaram a carne. Entre os que foram assados de noite haviam dois mamelucos (mestiços) que eram cristãos. Um era português, filho de um capitão e se chamava Jorge Ferreira, cuja mãe era índia. O outro, Jerônimo, foi

assado a um passo do lugar onde eu estava deitado."

Quando retornaram à aldeia de Cunhambebe, próximo a Parati, Hans Staden tentou convencer o cacique a não executar os sobreviventes. Durante a conversa, "Cunhambebe tinha uma grande cesta cheia de carne humana diante de si e estava a comer uma perna que ele fez chegar perto de minha boca, perguntando se eu também queria comer. Respondi que somente um animal irracional devora a outro, como podia então um homem devorar a outro homem? Cravou então os dentes na carne e disse: Yauara ichê!, que quer dizer: Sou uma onça!"

Sem saber do destino final de onze prisioneiros levados para Ubatuba e depois de haver ajudado dois a fugir pela Serra do Mar, Hans Staden foi levado até o Rio de Janeiro e dado de presente a um chefe local, o qual pretendia trocá-lo por mercadorias com um pretense irmão que estaria por chegar da França para resgatá-lo, conforme uma história inventada pelo alemão para ser poupado. Tendo chegado um navio francês, conseguiu contar o caso ao capitão e convenceu-o a participar da farsa. Depois de ter sido trocado por facas, machados, espelhos e pentes e ainda ter sido ferido em um combate dos franceses com um navio português, o qual ironicamente tinha vindo para tentar resgatá-lo aos índios, Hans Staden conseguiu finalmente embarcar para a Europa, em 30 de outubro de 1554. Três anos depois, foi



Festa tupinambá (ilustração da 1ª edição do livro de Hans Staden)

## Glossário de toponimos de origem tupi-guarani do litoral paulista e fluminense (da Juréia a Macaé)

Abarebebê	- "padre voador", apelido do Padre Leonardo Nunes	Itararé	- pedra solapada, água por baixo da pedra
Araçatiba	- lugar de muitos araçás (fruta)	Itauna	- pedra preta, minério de ferro
Aranama	- bebedouro das araras	Jabaquara	- refúgio de escravos fugidos (quilombo)
Araraquara	- refúgio das araras	Jacareí	- rio do jacaré
Arari	- o avô paterno	Jaconé	- peixe podre
Bertioiga	- lugar dos buriquis, uma espécie de macaco (corruptela de Buriquioca)	Joa	- fruta espinhosa
Boiucanga	- esqueleto da cobra	Jundiaguara	- refúgio dos jundis, um tipo de peixe
Bracuí	- farelo, pó de madeira	Juréia	- ponta notável, saliente
Cajabá	- cajazeiro	Jurubaiba	- barba ruiva (francês)
Camorim	- robalo	Macaé	- tipo de palmeira com fruto doce
Caraiçu	- queimada grande	Mamanguá	- comida reunida, ou cercada
Caraguatubá	- muitos caraguás, um tipo de bromélia	Manduba	- planta venenosa
Carapebas	- um tipo de peixe pequeno	Mangaratiba	- lugar de muitos mangarás, uma espécie de raiz
Cunhambebe	- homem de fala mansa	Marambaia	- o cerco do mar
Genibá	- um tipo de palmeira	Maranduba	- narrativa, história
Grajaú	- tipo de macaco	Maricá	- um tipo de espinheiro
Grajauna	- tipo de macaco preto	Massambaba	- restinga
Grauna	- nome de um pássaro	Mococa	- roça, plantação
Guará	- garça vermelha	Mombaca	- a passagem
Guaraú	- tipo de peixe	Niterói	- mar escondido
Guaratubá	- lugar de muitos guarás	Pacuba	- lugar dos pacus (peixe)
Guariba	- tipo de macaco	Parati	- tainha
Guaruá	- lugar dos guarás, o peixe-comaço	Paratimim	- tainha pequena
Humaitá	- papagaio pequeno	Pequeá	- tipo de planta
Ibiciú	- Terra fina, areia	Piraquara	- pescador
Icapara	- curva do rio	Perequê	- lugar da desova do peixe
Iguaba	- bica d'água	Peró	- português
Iguaçu	- rio grande	Perulbe	- rio do tubarão
Iguape	- foz de rio no mar	Pirabura	- enguia
Indaiá	- tipo de palmeira	Puruba	- seixo, fragmento de pedra
Ipanema	- água ruim	Sabeuna	- um tipo de concha preta
Iporanga	- lagoa de rio	Sai	- lagrima, também nome de um pássaro
Imboassica	- centopéia pegajosa	Sapé	- tipo de capim
Indaiatuba	- muitas palmeiras	Saparema	- cheiro de socos (ave)
Ingá	- polpa de fruta, coisa úmida	Sapeba	- sapezal
Iníri	- ostra	Siriuba	- muitos siris
Itacuruçu	- cruz de pedra ou ferro	Sununga	- ronco ou barulho
Itaguá	- comida de pedra, salitre	Suruçu	- tipo de mexilhão
Itaguçu	- pedra grande	Tabatinga	- barro ou areia branca
Itaguaré	- barreiro	Tapiá	- tipo de fruta
Itaipu	- fonte das pedras	Tapera	- cabana queimada de aldeia abandonada
Itamambuca	- pedra mole	Taquari	- taquara pequena
Itanhaem	- bacia de pedra ou ferro	Tijuca	- brejo
Itanhanga	- pedra do diabo	Tucuns	- um tipo de palmeira
Itaoca	- casa de pedra	Ubatuba	- muitas canoas ou flechas
Itaoma	- pedra podre	Ubatuba	- muitas canoas ou flechas
Itapirapoca	- penhasco	Una	- negro, escuro
Itaquanduva	- pedra afiada		

publicado na Alemanha o relato de sua aventura com o título de *Viagem ao Brasil*.

### Bibliografia básica

Cunha, Antonio Geraldo da - *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi-guarani*, São Paulo, Melhoramentos, 1989.

Cunha, Manuela Carneiro da (org.) - *História dos índios no Brasil*, São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

Fernandes, Florestan - *A organização social dos tupinambás*, São Paulo, Hucitec, 1989.

Lery, Jean de - *Viagem à Terra do Brasil*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1961.

Monteiro, John Manuel - *Os negros da terra*, São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Sampaio, Theodoro - *O tupi na geografia nacional*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987.

Staden, Hans - *Viagem ao Brasil*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1930.

## OS JESUÍTAS, MESTRES DESDE O COMEÇO

### Convívio com os índios

Quem mais conviveu com os tupiniquins e carijós foram os padres jesuítas. Estes chegaram ao Brasil em 1549 juntamente com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. No ano seguinte, o padre Leonardo Nunes fundou o colégio de São Vicente. Nele estudavam crianças brancas e alguns índios "filhos dos grandes e princi-

pais", onde eram educados segundo a orientação católica. O propósito dos jesuítas no Brasil era o de ganhar adeptos para a Igreja através da catequese, ou seja, da conversão dos índios para o catolicismo e abandono de seus costumes, de acordo com a estratégia geral de reação ao protestantismo, conhecida como Contra-Reforma. Seu alvo preferido eram os guaranis, ou carijós, como eram mais frequentemente chamados naquele tempo.

Em uma carta a seu superior em Portugal, o padre Manoel da Nóbrega fazia estas referências aos carijós, os primeiros moradores de Itanhaem, onde foram aldeados em 1560 pelos jesuítas: "Há muitas gerações que não comem carne humana. As mulheres andam cobertas. Não são cruéis em suas guerras como estes da costa (tupiniquins e tupinambás), porque somente se defendem". Espalhados por toda a bacia do Prata e ocupando o litoral sul de Cananéia até a Lagoa dos Patos, no atual Rio Grande do Sul, os carijós tinham alcançado um considerável desenvolvimento na agricultura e na tecelagem e há muitos séculos tinham abandonado a antropofagia, conforme sua própria tradição oral registrada pelos jesuítas.

Estas virtudes seriam a sua desgraça: eram os escravos preferidos pelos portugueses pelas suas habilidades na agricultura e nos serviços domésticos. Existem relatos de viajantes que informam sobre a existência de um porto de comér-

cio de escravos desde 1510 no mesmo local em que seria fundada a cidade de São Vicente vinte anos depois. Ai os tupiniquins vendiam seus prisioneiros de guerra aos portugueses, fossem tupinambás, guaianases ou carijós, provavelmente com a mediação de João Ramalho e Antonio Rodrigues. Esta tradição perversa seria ampliada algum tempo depois com o aprisionamento de milhares de guaranis cristianizados, com formação profissional, aldeados em missões jesuíticas por toda a bacia do Prata e até mesmo nas imediações de São Paulo, pelos chamados bandeirantes, mestiços de portugueses e tupiniquins.

Dentre os vizinhos dos tupiniquins, os mais difíceis de aprisionar eram os tupinambás, seja pela grandeza de suas aldeias, seja pela sua cultura guerreira bastante desenvolvida e eficiente. Eram capazes de guerrear a 300 km de suas aldeias, surpreendendo os inimigos de madrugada, depois de viajarem muitos dias somente à noite, sempre em grande número. Os escravos guaianás eram considerados menos habilitados, devido ao despojamento de sua cultura material. Era um povo coletor que desconhecia a agricultura e costumava dormir em covas forradas de folhas.

Devido à sua antiga relação com os portugueses, os tupiniquins foram os primeiros a serem catequizados. No princípio as coisas pareciam fáceis para os jesuítas. Em 1553 Nóbrega infartava a um superior: "O gentio (índio) desta capitania alguma vantagem tem das outras, ainda que tenham os mesmos costumes. Dão os filhos de boa vontade e se tivéssemos com que criar e manter em Cristo nos dariam todos (...). No Campo (Campo de Piratininga, onde no ano seguinte seria fundada a cidade de São Paulo), distante daqui (São Vicente) doze léguas, querem se ajuntar três povoações em uma para melhor aprender a doutrina cristã e mostram grande desejo fervor de aprender."

Porém, ao sul do Equador, nem tudo seria como se pretendia. Pouco tempo depois diversos tupiniquins são excomulgados e proibidos de assistir à missa, até mesmo João Ramalho, que continuava com seus hábitos indígenas adquiridos há muito tempo. A sua união com Bartirã e as relações que tinha com outras índias eram consideradas pecaminosas. Alguns filhos de João Ramalho e Bartira, casal do qual descendem as principais famílias "quatrocentonas" de São Paulo, continuavam a presentear os amigos com prisioneiros para que fossem comidos. O colégio que deu origem à cidade de São Paulo não durou muito tempo. Oito anos depois dizia Anchieta em uma carta: "os brasis (índios) nossos discípulos, que com tanto afã e trabalho andamos criando, não temos conta alguma e digo não temos porque eles se fizeram indispostos para todo o bem, espalhando-se por diversas partes aonde não podem ser ensinados e assim voltam todos para os costumes de seus pais."

## OS GRUPOS LINGÜÍSTICOS DO BRASIL

### Quatro grandes troncos

Os estudos linguísticos permitem uma "reconstrução" das etnias indígenas do Brasil até aproximadamente 5 mil anos atrás. Nessa época havia quatro grandes troncos linguísticos dos quais derivam a maioria das línguas encontradas pelos portugueses no século 16. Estes quatro grupos são os Arawak, Karib, Ié e Tupi. Por volta de 3000 aC, até o ano 1000 aC, ocorreu uma grande dispersão do chamado grupo Tupi, ou macró-Tupi, a partir da Amazônia Central. E do ano 1000 aC, ao ano zero da era cristã, ocorreu a grande diáspora tupi-guarani. Esta última é que dá origem aos tupinambás, tupiniquins e carijós (guaranis), ocupantes da maior parte da costa brasileira no século 16. Os índios não tupis eram chamados genericamente de tapuias.